



A Ilustração Portuguesa
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machade; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana.—*Os doze apóstolos do rei Mithão*, por Pinheiro Chagas.—*Palestras theatraes*, por Alfredo Oscar May.—*As nossas gravuras*;—*Em família (passatempos)*—*A rir*.—*Ban-darra e as suas prophcias*, por Magalhães Fonseca.—*A theoria do divorcio na pratica*, trad. de D. Guiomar Torrezão. (conclusão)—*O romance de Laura*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O coronel Manoel Alves de Souza*.—*O commendador João José Martins de Pinho*.—*Os primeiros passos*, (quadro de Metzmacher)—*O palacio do Elyseu, em Paris*.—*O marechal Le Bœuf*.—*O grande Chatelet*.

CHRONICA

Eu d'antes, quando era ainda creança e me emballava com historietas e lendas, tinha inveja dos reis. A palavra rei soava-me aos ouvidos d'uma fôrma estranha, que me deixava assombrado.

Parecia-me que o cingir uma corôa e empunhar o sceptro da realza, era estar fôra das condições humanas, ser intangivel, refractario e inabordavel ás grandes dores, aos infortunios enormes; ter, emfim, muito ou quasi tudo de Deus e nada, absolutamente nada, do homem.

Aos meus olhos de rapazito provinciano, que não conhecia do mundo senão o que estava circumscripito aos limites do torrão onde vi a luz, os reis afiguravam-se-me colossos, entidades sobrenaturaes, uma especie de irmãos do sol ou netos das estrellas, tão altos, tão altos, que o soffrimento humano não podia tocal-os.

Suppunha que viviam outra vida diferente da nossa, sem cuidados, sem paixões, sem lagrimas, e que morriam quando lhes aprazia morrer, quando tinham os seus dias contados, não com agonias e estertores como

qualquer mortal anonymo, mas naturalmente, pacificamente, como as flores, como as rosas.

Os seus corpos não se hão de decompôr nunc, pensava eu. E os roedores que habitam as cryptas solitarias e as necropoles sombrias, não se atreverão—ai d'elles se o fizessem!—a perfurar irreverentemente aquelles despojos sagrados.



O CORONEL MANOEL ALVES DE SOUZA

N'esse tempo, quando assim pensava, caiam em volta de mim, fulminadas pelo cholera, dezenas de pessoas. Via-as lutar com a morte, rebolando-se pelas ruas, no mais atroz de todos os supplicios, e dizia para commigo:—Não morrem assim os reis!

Os Reis! Que inveja que eu lhes tinha!

Depois, as lendas transmittidas de geração em geração e ensinadas como dogmas nas escolas, diziam-me que o bom Deus apparecia aos reis da terra sobre os campos de batalha, vaticinando-lhes a victoria. Ainda n'essa epoca Alexandre Herculano não provocára o anathema de S. Eminencia o Patriarcha de Lisboa, reduzindo o caso de Ourique ás suas reaes e verdadeiras proporções.

Passaram annos, a luz do entendimento começou a fazer-se, e a minha opinião foi-se modificando, e a inveja que eu tinha das testas coroadas, converteu-se pouco a pouco em dó.

—Queres vêr como elles soffrem e como elles morrem, aquelles que tu julgavas invulneraveis? bradou-me lá do alto uma voz ignota e mysteriosa. Eu t'o mostro.

E Napoleão III, o poderoso, o grande, cahiu escarnecido, villipendiado, maldito, recebendo na sua dolorosa agonia os apupos e as vaias d'uma nação vencida.

E o bello Maximiliano do Mexico, o esbelto e gentil imperador d'um dia, baqueou do alto do throno, ao lado de Miramon, em Queretaro, com o peito varado por uma duzia de balas.

E Affonso XII de Hespanha, o garrido e garboso rei tão amante e tão amado do seu povo, succumbiu em plena mocidade, com os pulmões defeitos por uma tuberculose minaz e horrivel.

E Alexandre da Russia, o formidavel *tzar*, o poderosissimo senhor d'um imperio gigantesco, o grande dos grandes da realza, depois de ter vivido uma vida de receios e de sobresaltos dolorosos, acabou os seus dias tragicamente, morto ás mãos d'uns assassinos vulgares.

A todo este martyrologio, a toda esta hecatombe eu fui assistindo no decorrer dos tempos; e a cada sceptro que cahia por terra, paralyzada a mão que o empunhava, ia-se arraigando em mim a convicção de que elles, os pobres reis, é que teem, talvez, razões sobejas para invejar a nossa sorte de mortaes humildes.

Reparem-me para o ultimo periodo da existencia d'esse misero imperador Frederico, que acaba de desaparecer para sempre aos esplendores da côrte berlineza. Attentem bem no horror da sua morte aos pedaços, dia a dia, momento a momento, n'aquella agonia lenta, e acompanhada de supplicios de todos os generos, n'aquella medonha lucha contra o cancro que lhe roia o corpo e os diversos cancros d'outra especie que minavam a sua alma honesta de pae, de homem de bem, de soberano integro, de esposo amantissimo, e digam-me depois se já viram cá por baixo, na esphera onde se arrastam os desherdados da fortuna, martyrio mais esmagador e mais cruel.

Estudem, com olhos indagadores, aquelle ephemero consulado de tres mezes, em que serviu de throno um leito d'agonia, e de corôa imperial uma corôa d'espinhos, compulsem aquelles dramas intimos cujo prologo se passou em San Remo e cujo epilogo teve logar em Charlottemburgo e Potsdam, e acabarão por confessar com-migo que é triste ser rei.

Se a alma humana fosse uma coisa tangivel, corporea, ponderavel, feita de molde a poder ser auscultada, a alma d'aquelle homem de bem, que sonhára governar a Allemanha guerreira pelos principios democraticos e humanitarios, pela philosophia e pela liberdade, devia estar cheia de sombras e d'angustias, defeita e gangrenada como o seu corpo, quando para elle soou a hora derradeira.

O miseravel, o paria, o roto mendigo desherdado por Deus e pela sociedade de toda a misericordia, que morre de fome á esquina d'uma rua solitaria ou roido de lepra no catre d'um hospital; o pae, agonisante, que entrevê, já com o olhar baço e vitreo, os filhos de rosto

enxuto voejarem-lhe em torno do leito, espreitando o ultimo suspiro que legalise a posse da herança cubiçada; o desgraçado que soffre tudo isto, padece menos, muito menos do que aquelle pobre Frederico III padeceu como rei, como homem, como pae.

Depois, dá-se uma circumstancia muito para reflectir. A medicina, que nunca se demora a auscultar a miseria, nem para ella é prodiga em operações que matam mais depressa, duplicando e triplicando as enfermidades, abanca no palacio dos enfermos poderosos e exerce ali por grosso a sua carnificina de canibal, e opera a seu bel-prazer, e faz toda a casta de experiencias, arrastando os miseros a morrerem da cura, em vez de succumbirem á molestia.

Foi o que succedeu ao real martyr germanico. Tantas vezes o flagellaram com a tracheotomia e com a laryngotomia, tantas canulas de diversas materias e sistemas lhe introduziram na larynge cancerosa, que o desgraçado imperador não ponde mais, e Deus, emfim, amerceiou-se d'elle.

Ora digam-nos, por exemplo, se não vale mais ser anarchista e brandir uma bengala assassina, do que ter a testa coroadada e empunhar um sceptro? Vale, de certo, principalmente na nossa terra. Que o diga Manuel Joaquim Pinto, o paladino de Luiza Michel e o algoz de Pinheiro Chagas.

Toda a gente ahi esperava que as portas da Penitenciaria se abrissem para o receber, depois da façanha de 7 de fevereiro. Pois a expectativa geral foi lograda. As justicas portuguezas entenderam que o anarchista Pinto era o cidadão mais benemerito e honrado d'estes reinos; que batera em Pinheiro Chagas na melhor das intenções, para lhe ser agradavel, e que não merecia nem sombra de castigo. Quando muito, como satisfação á opinião publica offendida e sobresaltada, deram-lhe, pedindo muitas desculpas, é claro, dezoito mezes de cadeia, sendo-lhe descontados, n'essa *dura* pena, os quatro mezes já soffridos.

De resto, o felizão do Pinto conquistou uma popularidade que, se o não leva ao Capitolio, pode muito bem conduzir o ao seio da representação nacional ou aos mais elevados cargos da republica, e, por cima de tudo, legalizou, graças ao crime, a posse d'um pae authentico, que não tinha, d'uma familia, que o acolheu nos braços. Bonito final d'acto para um melodrama.

No entanto, Pinheiro Chagas envelheceu dez annos depois da aggressão brutal que o ia prostrando; anda preocupado, apprehensivo, triste; não tem, nem na tribuna parlamentar nem na imprensa, aquelle bom humor e aquelle energia que o caracterisavam, e ninguem pode affirmar que o seu enorme talento não haja perdido uma parte estimavel das primitivas fulgurações.

Mas as justicas não curam d'estas insignificancias e applicaram apenas dezoito mezes de prisão simples ao Pinto *anarchista*. Se o Pinto, em vez de aggreddir Pinheiro Chagas, tivesse rachado a cabeça ao Rosalino Candido, iamos apostar, dobrado contra singello, que, quem soffria ainda por cima o anno e meio de cadeia, era o pobre do Rosalino.

Pois não sahiu ahi toda a gente limpa e escorreita do caso das obras do porto de Lisboa e das cédulas Hersent? Vendo-os a todos lavados d'aquella macula, com as mãos nitidas e as bolsas vãs, chego á conclusão de que fui eu quem trafiquei no negocio, sem dar por isso. Palavra que fui; não pode restar a menor duvida.

Os doze apóstolos do rei Milhão

I

O artigo publicado pelo sr. de Varigny na *Revis'ta dos dois mundos* de 1 de maio, artigo que se intitulava *Les grandes fortunes aux E'tats-Unis* foi lido com muito interesse em toda a parte, e o nosso *Diario de Noticias* a elle se ref'riu, dando os algarismos collossaes da riqueza de alguns dos opulentos americanos cuja historia financeira o sr. de Varigny estuda.

O artigo comtudo é muito mais interessante, e merece dev'ras que d'elle nos occupemos, porque dá idéas nitidas e verdadeiras ácerca de muitos factos da sociedade contemporanea, que é importante conhecer.

O sr. de Varigny mostra que a fonte das enormes riquezas actuaes deixou de ser a propriedade, que constituiria antigamente nos paizes de morgados os haveres espantosos dos legendarios ricos. N'esse genero, quem levava as lampas a todos, mesmo aos fidalgos hespanhoes, mesmo aos boyardos russos, eram os *lords* inglezes. Ainda hoje ha *lords* riquissimos, mas os banqueiros americanos d'ixam-n'os completamente a perder de vista, como se mostra pela seguinte tabella, onde estão inscriptos os nomes dos doze millionarios mais opulentos do mundo. Bem se pode chamar a essa lista a dos *doze apóstolos do deus Milhão*, que são mais afortunados do que o foram os *doze apóstolos de Christo*, que eram a personalisação da pobreza, emquanto estes são a personalisação da opulencia.

Reduzimos a dinheiro portuguez as sommas apresentadas como constituindo o rendimento annual dos *doze apóstolos*. Esses algarismos são tirados pelo sr. de Varigny (que os reduz a dinheiro francez) da brochura intitulada *Millionaires, and how they become so*.

Es a lista:

Nomes	Nacionalidades	Rendimento annual
Jay Gould	Americano	42.600 contos
J. W. Mackay	"	41.250 "
Rothschild	Inglez	9.000 "
C. Vanderbilt	Americano	5.625 "
J. P. Jones	"	4.500 "
Duque de Westminster	Inglez	3.600 "
John J. Astor	Americano	2.250 "
W. St. ward	"	1.800 "
J. G. Bennett	"	1.350 "
Duque de Sutherland	Inglez	1.350 "
Duque de Northumberland	"	1.125 "
Marquez de Buté	"	900 "

Assim o mais pobresinho d'esses doze apóstolos, que é o marquez de Buté, apenas tem um rendimento de 75 contos por mez ou de 2:500\$000 reis por dia. O mais rico, Jay Gould, o rei dos caminhos de ferro americanos, tem 4:050 contos de rendimento por mez, ou 35 contos por dia. Uma miseria!

Como é que os Americanos desbancam assim os Inglezes a ponto de que o mais rico dos proprietarios da Grã Bretanha figura apenas no sexto logar da lista, e de forma tal que os seus rendimentos pouco mais são do que a quarta parte dos rendimentos do banqueiro americano Jay Gould? O sr. de Varigny mostra que a propriedade declina em toda a parte, a ponto que riquissimos proprietarios inglezes chegam a cair em profunda miseria. Foi o que succedeu a lady Mackenzie, que, tendo uma riqueza de milhões de libras, chegou a ver-se obrigada a abrir em Sloane-Street uma loja de modas. Um correspondente de *New-York Herald*, julgando curioso este facto, foi *entrevistar* a opulenta decabida, e publicou a 1 de fevereiro do corrente anno a sua conversação. Dissera lhe lady Mackenzie que tomou para o commercio o nome de Madame de Courcey:

«Os nossos rendeiros da Ross-Shire não estão em estado de nos pagar as rendas, e comtudo vivem nas nossas terras de pais a filhos. A culpa não é d'elles. As colheitas não são más, porém a importação dos trigos americanos tira lhes todo o lucro. Possuimos grandes terras para caçadas, mas a revogação inevitavel das leis protectoras da raça tornará impossivel dentro em pouco o aluguel d'essas terras; tivemos por consequente de trabalhar para viver.»

Conta o sr. de Varigny que lady Mackenzie está conseguindo, por esta nobre e audaciosa resolução, enriquecer muitissimo «graças a um capricho da moda: o *tea gown*, que faz furor em Londres. As suas amigas adoptaram n'ò, puzeram-n'ò em voga, e as encomendas affluem. Usado ao principio entre as cinco e as seis horas da tarde para presidir á meza do chá do *five o'clock*, essa jaqueta, de rico brocado, constitue um vestuario original, que é o meio termo entre o traje de casa e o traje de visita. Agora já se admite nos jantares intimos, sobretudo no campo. Nas casas de campo vestem-n'a as mulheres geralmente á hora em que os

homens voltam da caça; é uma authorisação tacita que se lhes outorga a elles de se apresentarem na sala sem pôrem a casaca preta e a gravata branca»

Sublinhamos de proposito as palavras em que lady Mackenzie se refere ao mal produzido pela importação dos trigos americanos, afim dos nossos leitores verem que a crise agricola a toda a parte se estende e que a concorrência esmagadora da America não deixa respirar, nem nos paizes mais trabalhadores e mais sensatamente administrados, os que cultivam a terra, e que essa crise agricola traz consigo a ruina dos proprietarios.

Vamos a ver porém como se tem formado as riquezas collossaes dos Estados Unidos, e antes de entrarmos n'essa parte verdadeiramente interessante, encaremos de perto a lenda deslumbrante da prosperidade financeira dos Estados Unidos, revelada ha pouco pelo facto estranho e insolito de estar o governo a pedir por amor de Deus ás camaras que o livrem do encargo pesadissimo dos *saldos positivos*!

Emquanto lamentam todos na Europa que os *deficits* medonhos estejam assoberbando todos os paizes, nos Estados Unidos sobra o dinheiro no Thescuro de tal fórma que o presidente da republica pede por amor de Deus que o livrem d'esse fardo dos excessos de receita. E em presença d'isto começam todos os declamadores a gritar que os Estados Unidos são um modelo de administração financeira, e que isto prova triumphantemente a importancia enorme que tem para a prosperidade dos Estados a constituição republicana.

Piano! piano! vamos ver as coisas de perto.

Sem duvida a administração dos Estados Unidos, apesar de não ser um modelo de moralidade, é uma administração judiciosa, e serve para manter essa prosperidade a firme resolução do presidente de não entrar em caminho diverso d'aquelle que tem por si as tradições politicas d'aquelle paiz original. Bastava-lhe porém para se ver livre n'um instante d'esses *saldos positivos*, começar a ter exercito, a ter marinha de guerra, a ter obras publicas, a chamar a emigração que vae affrouxando, a dar trabalho aos operarios, a fazer estas despezas obrigatorias para os Estados europeus e mesmo americanos, e com que os Estados Unidos, por uma velha tradição, entenderam que não deviam sobrecarregar os seus orçamentos. A iniciativa particular faz os caminhos de ferro, a iniciativa de cada um dos Estados emprehe um certo numero de melhoramentos publicos, e assim consegue o orçamento geral dos Estados Unidos alliviar-se de despezas pesadissimas, cuja eliminação nos orçamentos dos outros paizes sublevaria toda a gente.

Os Estados Unidos, quando se viram a braços com a terrivel guerra da *successão*, lançou impostos pesados e fabulosos. A sua divida subiu n'um momento a dois milhões quinhentos e vinte mil contos de réis. Tratava-se de occorrer ás enormes despezas da guerra, de pagar soldo, armamento e equipamento a um milhão de voluntarios. Mas a guerra acabou, e, como os Estados Unidos estão na mirifica posição de um paiz que não tem visinhos poderosos, esse milhão de soldados, em vez de ficar como na Alemanha e na França a fazer exercicio á custa do Estado, foi todo para as suas casas, e o thesouro americano continuou a receber os impostos como no tempo da guerra, e deixou de pagar as despezas a que se vira obrigado.

Começou o oiro a trasbordar no thesouro. N'um paiz europeu, esses saldos tinham logo applicação, mas nos Estados Unidos o governo deixa os melhoramentos aos cidadãos, de forma que principiou a não saber o que havia de fazer aos seus saldos positivos. De 1883 a 1885 agarrou em 126:000 contos de réis e começou a resgatar divida publica; em 1886 mais 72:000 contos foram applicados ao mesmo fim; em 1887 resgatou se perto de 42:000 contos de titulos, sempre com anticipação de prazos, e, apesar d'isso, o saldo positivo era n'este ultimo anno de 126:000 contos, e *ameaçava* ser em 1888 de 180:000.

Ora as condições dos mercados financeiros são tão melindrosas e tão originaes que os sustos que estes immensos saldos positivos inspiram ao presidente dos Estados Unidos, e que nos fazem rir, são muito serios e verdadeiros. E' que a aspiração constante do oiro feito pelo thesouro, que se vé obrigado a immobilisalo, pode produzir graves transtornos ao commercio. Todos se lembram da famosa lucta de Wall-Street, sustentada em 1873 por Jay Gould, que deu em resultado o levantar quantias fabulosas a riqueza d'este especulador.

Acabara a guerra, o mercado estava inundado de papel, o oiro tinha um premio bastante alto, e quem o mantinha assim era Jay Gould. Mas o Estado ia ter saldos positivos, e poder lançar oiro no mercado, do que resultaria a baixa do premio, e com essa baixa a das acções do caminho de ferro, que formavam a riqueza legendaria de Jay Gould. Que faria o presidente?

Jay Gould atirou dinheiro pela janella fóra para o saber, não o conseguiu. Deu uma festa pomposa para ver se arrancava a Grant o seu segredo. Grant conservou-se taciturno. Mas Jay Gould estava á espreita. Apenas lhe consta que o governo vai lançar oiro no mercado, promove uma alta. O oiro estava a 140. Na tarde d'esse dia fazia-o subir a 144; manobrando com o telegrapho, mandou vir oiro de toda a parte. Só n'esse dia fizeram-se transacções no valor de 216:000 contos de réis. Diminuiu a re-

serva metallica dos Bancos de França e de Inglaterra, á força da compra de Jay Gould. Ao fim de dois dias o ouro subia a 160. O papel depreciava-se, accumulava-se o ouro nas mãos do audacioso especulador. Havia uma verdadeira furia em Wall Street: ameaças, tiros, um inferno, e Jay Gould tranquillo. Um dos seus agentes endoideceu no meio da algazarra ameaçadora que o rodeava, outro apanhou uma balla na cabeça que o mandou para o outro mundo. Jay Gould estava no seu gabinete, guardado por uma multidão de gente armada. Reunio-se o conselho de ministros, e resolveu lançar immediatamente o ouro do governo no mercado. Restabeleceu-se o equilibrio, mas Jay Gould que ganhára com o ouro sommas fabulosas, ainda ganhou mais com a baixa das acções do caminho de ferro, baixa momentanea que elle aproveitou para comprar tambem doidamente, e tudo isto o transformou no primeiro millionario do orbe terraqueo.

Ahi tem os nossos leitores o modo como se formam n'estas luctas gigantescas da especulação as collossaes riquezas dos Estados Unidos.

Continuaremos.

PINHEIRO CHAGAS.

PALESTRAS THEATRAES

Causas superiores á nossa firme vontade obstaram a que escrevessemos esta terceira *Palestra* com intervallo menor, com aquelle que devem guardar entre si estes registros acompanhados das reflexões, que o theatro nas suas diversas modalidades nos inspira, para que a chronica tenha utilidade pratica.

A historia descreve, analysa, commenta, critica os factos e tenta investigar as leis que os regem. Se esta definição é, pois, verdadeira, como hoje ninguem o contestará, a historia contemporanea do theatro tambem inquirirá as causas dos factos, que se ligam directa ou indirectamente a esta forma d'arte, e julgará d'elles com justiça e são criterio.

O theatro portuguez reflecte o estado social do paiz. A vida nacional espelha-se na scena. Assim como a nossa existencia de nação é condicionada por circumstancias que a tornam vulgar, frouxa, inconsistente, sem que a dominem os fortes e sérios interesses e a acalentem os sublimes ideaes; assim o theatro, repercussão d'um viver trivial e anemico, não dá realmente ensaio a apregoarmos frequentemente uma manifestação viva, brilhante, quer nas producções, quer no desempenho das mesmas. Não se nos depara um objecto d'estudo; falta nos o producto da alma artistica d'um povo. Vivemos *completamente*, desinteressados da verdadeira arte.

Vae-se ao theatro meramente por distracção, por passatempo. Se a peça faz rir, ainda que não seja o rir do espectador intelligente, culto, então a obra é boa e todos os jornaes o declaram, empregando os adjectivos mais laudatorios, que podem encontrar nos dictionarios. Se um artista representa muito bem umas scenas ou algum acto, o que se diz d'elle é acabrunhador d'elogios.

Por exemplo—a *Cigarra* é primorosamente representada pela intelligente actriz Lucinda do Carmo no 1.º e 2.º acto; no 3.º não é, porém, tão bello o seu trabalho, porque não mantém a individualidade, que não se deve apagar com a mudança de situação e com as modificações, que trouxeram aos modos, a expressão da ex-pelotiqueira, as condições da sua nova existencia. Faz-nos lembrar este facto o que se observava com o malogrado quanto primoroso actor Ribeiro, no Larivaudière, em que elle era correctissimo, mesmo brilhante, no 1.º e 2.º acto, e em que decahia no 3.º, porque não interpretava o disfarce de Larivaudière em moço de mercado, como elle o poderia executar, visto como era um actor muito talentoso e d'uma grande força creadora: era um dos primeiros artistas portuguezes. Tambem a actriz Lucinda é esplendida na composição da *Cigarra* e por isso é que desejaríamos que ella applicasse o seu talento e a sua immensa vontade de saber e os seus esforços de actriz conscienciosa a produzir uma representação completa do personagem, em que se incarna admiravelmente nos dois primeiros actos.

Estas considerações promanam da seguinte verdade: estamos educados a julgar, em questões d'arte, pela impressão recebida em uma parte das producções; e ou não vemos os erros das restantes ou escondemos-os muito de proposito, para não ferirmos o interprete do papel. Não discriminamos o optimo do bom, o bom do soffrivel, o soffrivel do máo, e todavia ninguem deixa de apontar defeitos em algumas outras obras de arte!

Seria um serviço inestimavel que prestaria a imprensa periodica a Lucinda do Carmo, tributando-lhe todos os encomios justissimos, que ella merece pelo esmero no detalhar da pelotiqueira: parece um personagem vivo, tão formosa é a reproducção do fallar e do gesticular, dos modos, do olhar, do andar d'esta rapariga fugida ás perseguições dos seus companheiros da mais comicamente triste de todas as profissões. E' devéras admiravel! Porque não modifica, porém, a gentil actriz o personagem só na

conta devida, sem parecer que está representando outra mulher?

Se Lucinda do Carmo não tivesse um talento acima do vulgar, se não dispozesse de tantos recursos, se não soubesse estudar, ou nunca pudesse saber-o, não notaríamos esta incoherencia, que evitaria facilmente, mórmente se a linguagem que ella emprega no ultimo acto tambem fosse vantajosamente modificada no sentido de nunca parecer que a *Cigarra* é uma outra figura.

A persistencia da individualidade, embora ella se altere é o grande segredo dos eleitos da natureza. Exige um talento pesante e uma abnegação, um aniquilamento do actor ou actriz, que tem de representar um certo personagem em todas as successivas transições porque vae passando uma pessoa que não é elle interprete.

E' difficilissimo este segurar physico e mental d'um individuo, que não sou eu nem uma certa pessoa conhecida, mas um individuo que poderá ser assim, dadas as palavras que o personificam.

A unidade ligada intimamente á mais completa variedade dentro d'essa unidade, é o eterno principio fundamental de todas as bellas artes e tanto mais n'esta arte de representar, em que a verdade e só a verdade, embora colorida pelo ideal da poesia artistica, é a base imprescindivel de qualquer papel. Por isso é que os auctores tem rigorosa obrigação de nunca sacrificarem a uns certos effeitos, que se lhes afiguram *bonitos*, a realidade do personagem.

O auctor fica por detraz dos bastidores. Quem o publico vê e ouve é o artista, e creiam que é preciso superior escola de bom theatro, adquirida em estudo assiduo, para que um espectador discrimine nitidamente a parte de responsabilidade, que compete ao auctor, da que só legitimamente pertence ao actor.

Nunca os auctores deverão obterem aos caprichos e devaneios dos artistas, nem estes devem deixar passar, sem a devida discussão, delicada e séria, com os escriptores, tudo que estes, a pretexto de bellos effeitos litterarios, escrevam em detrimento da unidade do personagem. Infelizmente, porém, ha uma especie de accordo tacito entre uns e outros para *alindarem* as fallas.

Imaginemos que os justamente festejados traductores Machado Correia e Accacio Antunes punham na bocca de Lucinda do Carmo outra linguagem, não a queremos baixa, toscamente trivial, mas assim um fallar accommodado a quem teria de dizelo em scena; estamos persuadidos de que a actriz não luctaria tanto para continuar a ser a *Cigarra*, como sendo obrigada a dizer umas phrases muito finas, que estão pedindo modos tambem finos.

A modificação no sentimento e a passagem para outro ambiente não dá repentinamente a sciencia de bem fallar. Limar um pouco o estylo não o transtorna. Todos nós sabemos o que custa e quanto tempo exige o aprendermos qualquer cousa, quanto mais a sermos finos não o podendo ser. Aprende-se a demonstração d'um theorema; estuda-se uma lei de physica; compentramos-nos d'um facto historico; fazemos n'um mappa a geographia de muitos paizes; mas o que demanda annos e annos é alterar os modos, o ar, a expressão, que se adquiriram por accommodação persistente do nosso ser physico e psychologico a um determinado meio.

Se não fosse o receio de offender quem vivem grosseiramente até certa idade, e depois mudou para outras condições, ficando o que tinha sido até essa mudança, a ponto de nunca nos illudirmos sobre os habitos dos primeiros tempos, adduziríamos exemplos palpantes, frequentes... frequentissimos, que forneceriam modelos para auctores e actores.

Temos alongado demasiado o desenvolvimento d'esta materia, porque é ella importante, e julgamos que é mais util n'estas palestras tomarmos um ponto fundamental, para sobre elle discorrer com largueza, do que fallarmos rapidamente sobre varios assumptos e nada concluirmos.

Será vulgar tudo que desaffectadamente expozemos acima; mas a triste verdade é que se não executam em theatro as leis e maximas que presidem á arte mais scientifica, qual a de representar e essa outra de escrever peças.

Os archivos do theatro portuguez estão guarnecidos de comedias e dramas, cujos titulos não precisamos citar, (mas que existem na memoria de todos) que são exemplares de verdade e de arte.

Nunca é mister esconder aquella senão quando fôr regugnante, asquerosa; e alteral-a jámais o devemos fazer.

O nittir não é deturpar.

Entre nós e tambem em uma boa parte do theatro estrangeiro, falseia-se a realidade, ou apresentam-na da mais baixa qualidade.

A graça, o chiste, são quasi sempre obtidos com o absurdo, o desconchavo, o obsceno.

Por exemplo—temos de metter em scena um professor de physica improvisado, um intruso na sciencia, rebaixamol-o ás truanices d'um escamoteador reles, isto em comedia-vaudeville, e não lhe armamos por exemplo um discurso recheado de erros e dislates scientificos engraçados, em que a sciencia dos Jannin, dos



O COMMENDADOR JOÃO JOSÉ MARTINS DE PINHO

Secchi, dos Helmholtz ande aos sopapos; mas fazemol-o empalmdor hyper-truanesco de lenços e dinheiro!

Queremos esboçar um tabellião de provincia ingenuo, apatetado, compomos um ser impossivel, um verdadeiro producto da febre mais delirante, a quinta essencia do idiotismo. Pois realmente não ridicularisariamos o notario provinciano sem lhe roubarmos todos os elementos de verosimilhança? Será necessario violarmos todas as leis da possibilidade para alcançarmos triumpho no theatro?

Se argumentam com os devaneios das operas buffas typicas, por exemplo com a *Grã Duqueza*, responder-lhes-hemos com a intenção finamente moralisadora d'essa immortal composição, em que o funambulesco das exaggerações dentro do real, fere despiadadamente a corrupção das côrtes, o burlesco do militarismo, a ineptia dos preceptores dos paços, e em que atravez da gargalhada homérica, da tréça, nos synthetisa o desaloro do valimento no soldado Fritz.

E' uma lição, é um açoite.

Poderemos desadorar a operetta, pelo damno que produz ao theatro verdadeiro; mas não desconhecemos que a indignação sob aquella forma é tão meritoria e util como a mais acerba critica de Javenal, de Barbier ou de V. Hugo (*Vid. Chateaus*).

Por sobre aquella *pochade*, adeja um pensamento regenerativo, uma sciencia therapeutica-social. E' um golpe de mestre n'aquelles vicios, e não nas instituições—MONARCHIA—EXERCICIO.—Tem graça immensa, infinita, e alimenta-a uma nobilissima idéa—a de cortar inexoravelmente plantas damninhas, que brotam quaes miasmas putridos d'um pantano mephitico. A monarchia, essa grande instituição historica, esse esteio das nacionalidades, e o prestimoso exercito não ficam salpicados de lama, que repuxa do libretto da *Grã Duqueza*? Esta vale tanto como a mais formosa satyra dos immortaes cauterisadores das chagas sociaes.

Ora, quer nos parecer que todas as peças destinadas a fazer rir podem facilmente tomar raizes em um infinito numero de ridiculos eternos.

Ha theatro mais hygienicamente hilariante do que o de Molière? E comtudo, ha em tudo elle um fundo de verdade que assombra e levanta o nosso espirito, dando-nos a perfeita noção da tollice humana, sem compormos figuras impossiveis.

No representar o mesmo. (*) Uma actriz tem de reproduzir os gestos, as perrices da colligial mal educada, da rapariga voluntariosa; porventura temos de pedir á mulhersinha de porta de rua, á collareja, os tregeitos descompostos e os acenos toscamente violentos que as individualisam e particularisam?

Sejamos rasoaveis. Não queiramos que nos alcunhem de incoherentes e inconsequentes.

Portugal todo tributa ao prototypo dos observadores mais perspicazes, serios e conscienciosos entre os actores — ao nosso querido Taborda—um culto, que tanto nobilita o illustre actor, quanto honra o paiz. Pois bem. Porque havemos nós no mesmo jornal, no mesmo vestibulo de theatro, no mesmo centro em que applaudimos fervorosamente esses lampejos fulgurantes do estudo e do talento de Taborda, louvar peças e representações que peccam exactamente por tudo o que superabunda em uma das mais puras glorias do theatro nacional? Dizia-nos uma vez a primorosa actriz, que estamos condemnados a não ouvir talvez mais, Lucinda Sinões, que nunca ouvira fóra do nosso paiz um artista mais humano do que esse idolo do publico.

Porque nos deleitou tanto a audição da *Guerra em tempo de paz*, representada com bastante intelligencia pela companhia do theatro do Rocio? Não foi pela profundidade dos conceitos, pelo desenho superiormente artistico dos caracteres, ou pelo engenhoso das situações preparadas com talento extraordinario. A peça não tinha nenhum d'esses dotes que distinguem as obras dos chefes d'escola, os genios que irradiam a mais vivida e fecunda luz atravez os seculos. Mas sabem o que era realmente notavel? E' que todos aquelles quadrinhos da vida militar na sua modalidade ambulatoria—nos episodios de aboletamentos—eram um encanto de verdade, mas de verdade aproveitadissima no que ella tem de melhor, de mais attrahente. Sabem o que resultou de vantajoso para os artistas em represental-a? Foi serem verdadeiros como o eram os personagens. Todos nos diziam—«Reparou na marcação, nos modos d'aquelles individuos, em summa como tudo era bem feito, bem a tempo, bem collocado, etc., etc.»—O contrario é que nos surprehenderia. Seria necessario um certo engenho para desfigurar tanta verdade. Temos para louvar a empresa por dispender bizarramente em uniformes verdadeiros, arcando assim com o velho preconceito de theatro, que obriga os artistas a vestirem-se á militar ridicula e estupidamente.—«No theatro tudo faz vista... Nos espectadores só os poucos militares que ha na plateia é que entendem de uniforme»—Ainda não ha muito tempo que vimos em scena um official portuguez com uniforme actual, tendo no calção uma lista só. Ponderam os accomodatícios:—«Então isso prejudicou alguma cousa a peça?» E se a empresa mandasse pôr duas listas gastava mais cinco réis que fosse? retorquimos nós.

(*) Veja *Velho rico de Celorico*—peça em 3 actos, de Gervasio Lobato e Accacio Antunes, representada no theatro Avenida.

O Santos, não era homem muito illustrado, mas tinha vastissima intelligencia e possuia um dom inapreciavel, era perguntador como poucos e assimilava perfeitamente o que lhe indicavam. Consultava os especialistas. Peça que elle mettesse em scena tinha a collaboração d'um sem numero de pessoas competentes, que lhe prestavam esclarecimentos minuciosos. Era por essa forma que as peças eram postas a publico com tanto esmero.

E já que fallamos em cousas militares, aconselharemos as empresas e os ensaiadores a que se louvem nos profissionaes, os importunem para os auxiliar no manejo d'armas, nas marchas, em summa em todas as evoluções militares.

Ha defeitos que se podem remediar muito facilmente. Supponhamos que não podem obter comparsas soldados ou que o tenham sido. Sabem o que acontece em todos os theatros? Os ensaiadores não ordenam terminantemente á comparsaria que rompa a marcha com o pé esquerdo, de sorte que produz um pessimo effecto as marchas effectuadas com o passo trocado.

Os ensaiadores devem sempre chamar militares, que por favor, ou remunerados, ensaiem a valer todos os movimentos do manejo d'armas e os de marchas, para quo a illusão seja perfeita no espectador, quer este seja paizano, quer militar. Todos tem a noção da perfeição d'esses movimentos. Todos sabem ser criticos de manobras rudimentares do exercito.

Esta palestra vae longa. Proseguiremos na missão que nos impozemos de fallar desafogadamente do theatro portuguez.

ALFREDO OSCAR MAY.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CORONEL MANUEL ALVES DE SOUZA

E' um militar distincto e um litterato muito apreciavel. Manja a penna com finura e elegancia, quer trate de uma questão professional, quer traduza Shakspere, escreva um drama, ou componha uma poesia.

Tendo meritos de sobejo para se impor, conserva-se n'um modesto retrahimento, que nós condemnamos.

Nos seus 44 annos de serviço na arma de cavallaria, tem exercido commissões honrosas, como a de ajudante de campo de varios generaes, commandos de regimento, sendo ainda tenente coronel, e havendo outros mais antigos, etc. Agora, é presidente da commissão de remonta, logar que deve ser desempenhado por um general.

A politica já mecheu com elle, mas Alves de Souza, espirito superior, encolheu os hombros como signal de desdem, acceitou a transferencia de corpo, e continuou a ser o mesmo homem imparcial e recto, porque, forto de animo, não podiam causar-lhe esmorecimentos as intrigas com que tentaram incommodal-o.

A *Revista militar*, a *Gazeta militar*, a *Revista de Sciencias militares*, attestam o que o coronel Alves de Souza vale como escriptor militar; o antigo *Liberal*, de Vizeu, a *Tribuna*, o *Occidente*, e a *Encyclopedia Popular*, de Souza Telles, são uma prova evidente das suas aptidões litterarias, da sua intelligencia e da sua pouco vulgar illustração.

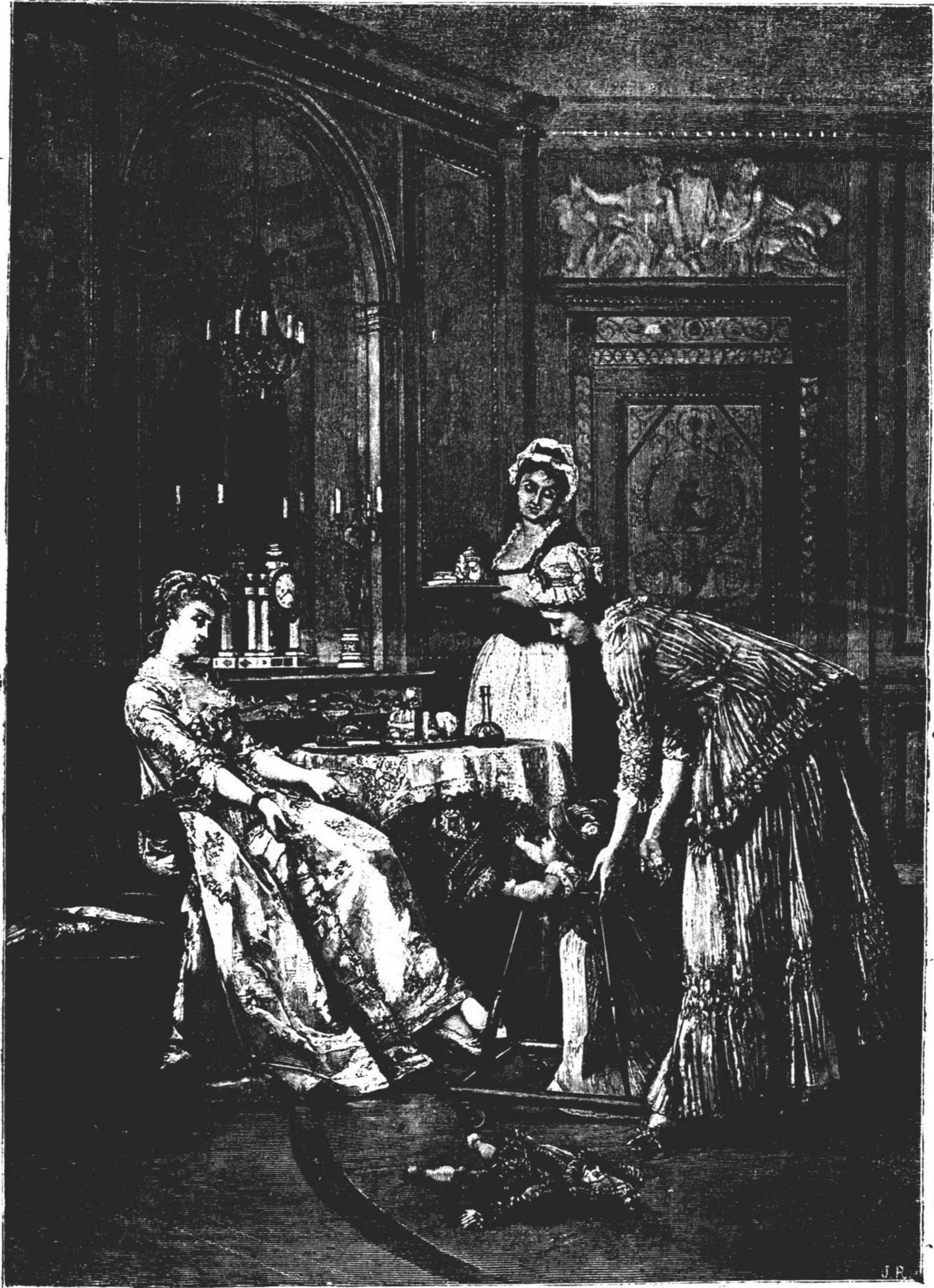
Cavalheiro de uma educação esmerada, tem unanimes sympathias entre paisanos e militares. A publicação do seu retrato na *Illustração Portugueza* é, portanto, uma homenagem ao seu talento e ás nobilissimas qualidade do seu character.

COMMENDADOR JOÃO JOSÉ MARTINS DE PINHO

Este nosso compatriota, cujo nome se acha ligado a todas as obras meritorias dos portuguezes no Rio de Janeiro, como a diversos commettimentos industriaes e commerciaes de utilidade incontestavel, nasceu a 17 de novembro de 1848, na villa de Matosinhos.

Dotado de uma enormissima actividade e de uma força de vontade invejavel, Martins de Pinho, tal como os nossos avós em tempos de conquista, reproduz-se com uma facilidade espantosa, apparecendo em toda a parte onde os combates da vida dão logar a uma acção meritoria, a um commettimento generoso.

Assim é que, ao passo que administra com zelo a importante casa commercial de que faz parte—ao tempo em que incorpora o Banco de Credito Real, de S. Paulo, uma instituição a que a provincia d'este nome deve, por muito, o seu augmento nos ultimos tempos,—no momento em que organisa diversas companhias industriaes e administra, como director secretario, o Banco de Credito Real do Brazil,—o seu amor á causa publica ainda lhe permite contribuir para o engrandecimento do «Lyceu Litterario Portuguez», de que é presidente ha oito annos, tendo sido



OS PRIMEIROS PASSOS

Quadro de Metzmacher

antes vice-presidente dois annos,—da Sociedade Portugueza de Beneficencia, que por mais de 4 annos serviu como secretario e alguns mezes como presidente interino,—do Gabinete Portuguez de Leitura, como membro, que foi, do conselho,—da Sociedade Protectora da Infancia Desamparada,—da Sociedade Promotora da Instrucção, e de quasi todas, senão de todas as associações philanthropicas e beneficentes do Rio de Janeiro.

E, como se isto não fôra ba tante, em diversas epochas e durante seis annos exerceu um lugar importante na «Commissão Consultiva do Consulado Portuguez do Rio de Janeiro» e f z parte da de inquerito e syndicancia que ultimamente funcionou junto do mesmo consulado, por nomeação do governo portuguez.

N'este longo peregrinar de serviços prestados á patria e á humanidade, bem pôde avaliar-se quantos esforços e que de innumeraveis sacrificios tem custado a este nosso illustre compatriota a pratica de tão honrosas acções. Mas elle pertence ao numero dos fortes; e, tanto mais é necessario o seu auxilio para novos emprehimentos, quanto lhe cresce a coragem para os levar a effeito.

A prova d'este asserto ella ahi está no glorioso monumento que se chama «Lyceu Litterario Portuguez,» cuja vida é, por assim dizer, um prolongamento da sua.

E quereis saber o que é o Lyceu Litterario Portuguez?

E' a primeira associação que institue cursos nocturnos, gratuitos, de instrucção primaria e secundaria no Rio de Janeiro, e que, comquanto fundada e mantida por portuguezes, recebe em seu seio, indistinctamente, a quantos desejarem instruir-se, nascessem onde quer que fosse, pertençam a qualquer classe.

Não teria este Lyceu attingido o grau de desenvolvimento que attingiu, se não fôra a enorme dedicação e a inquebrantavel força de vontade do commendador João José Martins de Pinho.

Abstendo-nos de exemplificar com relação a outras associações o benefico auxilio d'aquelle que faz o objecto d'estas linhas, limitar nos hemos a citar, como prova da justa homenagem que prestamos a tão illustre compatriota, as distincções de que tem sido alvo por parte dos governos brazileiro e portuguez e de diversas associações philanthropicas.

Eil-as:

Commendas da Imperial Ordem da Rosa, de S. Thiago e da Conceição; habitos de Christo e da Rosa; medalhas da Associação Promotora da Instrucção, da Sociedade Portugueza de Beneficencia e do Lyceu Litterario Portuguez.

OS PRIMEIROS PASSOS

(Quadro de Metzmacher)

A investigação e a fidelidade apreciavel dos costumes, em nada prejudicam a belleza d'esta excellente composição de Metzmacher. Sob esta apparencia um tanto antiquaria, a scena da vida humana, reproduzida com exactidão, conserva toda a pureza da sua interessante simplicidade.

Ao aspecto da creancinha que começa a suster-se de pé junto da sua cadeira de rodas, estendendo os braços para aquella que lhe deu o ser, ninguem ha, que deixe de sentir-se commovido, por que de certo lhe aviva uma recordação de familia.

Tudo d'esta composição, desde o sorriso da mãe, moça e formosa, até ao olhar protector da ama, é reproduzido com a maxima verdade e denota uma observação em que o espirito soube revelar-se sem que o coração perdesse nenhum dos seus direitos.

O PALACIO DO ELYSEU, EM PARIS

O palacio do Elyseu, que a nossa gravura de hoje representa, construido em 1718 pelo conde de Evreux, tornou se mais tarde propriedade de madame de Pompadour.

Depois da morte da sua favorita, Luiz XV fez aquisição d'este edificio, que converteu em residencia dos embaixadores extraordinarios e dos diplomatas estrangeiros.

Ultimo refugio que Napoleão I buscou depois da desgraçada batalha de Waterloo, foi lá que assignou a sua abdicação. N'essa mesma época foi residencia de Alexandre I, imperador da Russia.

Durante todo o tempo da restauração foi occupado pelo duque de Berry; dava-se-lhe então o nome de Elyseu Bourbon.

E' porém da segunda republica que data a celebridade d'este monumento.

Escolhido pelo principe Napoleão, mais tarde Napoleão III, então presidente da republica, para sua residencia, installou n'ella a séde do governo em 2 de dezembro de 1852.

Actualmente o Elyseu é a habitação em Paris do sr. Sadi Carnot, presidente da republica.

Como se vé pela gravura, a perspectiva d'este bello edificio é de um effeito arrebatador. A architectura em geral é do estylo grego, mas com alguns traços de fantasia.

Nas costas do palacio ha um magnifico jardim, um dos mais espaçosos de Paris.

O MARECHAL LE BŒUF

O marechal Le Bœuf, que acaba de morrer em França, foi alvo de duas accusações tremendas, em seguida aos tristes acontecimentos de 1870, acontecimentos de cuja responsabilidade o povo francez o accusou.

Dizia-se que o bravo militar tinha proferido estas palavras, pouco antes de rebentar a guerra com a Prussia:

—«Não falta nem um botão nas polainas dos nossos soldados.»

Dizia-se mais que, por occasião das exequias de Napoleão III, Le Bœuf ajoelhára, banhado em lagrimas, junto do cadaver do imperador, exclamando:

—«Perdão, Sire, perdão!»

Interrogado ha dias por um jornalista, Emile Olivier, amigo intimo do fallecido, declarou que as duas accusações feitas ao bravo marechal não tinham o menor fundamento, e que nunca por elle haviam sido proferidas as palavras já celebres que lhe attribuem.

Em França, como entre nós, é pois preciso que um homem morra, para se lhe fazer inteira justiça.

Le Bœuf vivia, ha muitos annos, no *château* de Moncel, a 10 kilometros de Argentan. Na sua vivenda, revelava-se o soldado. Tudo alli era simples e severo.

Os habitantes do sitio adoravam o marechal pelo seu viver desprezencioso e pela sua inexgotavel caridade.

O GRANDE CHATELET

Os dois chatelets de Paris eram dois castellos fortificados, que se tornaram notaveis pelos diversos acontecimentos registados na historia da França, e que d'um e d'outro lado do Sena, obstavam o accesso á capital.

Pont-au-Change, á direita do rio, era defendida pelo «grande chatelet;» a ponte pequena achava-se resguardada pelo «pequeno chatelet».

Attribue-se a construcção d'estas duas fortalezas a Julio Cesar.

Fôram ambas demolidas em diferentes épocas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada

.
* * *
* * * * *
* * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *
* * * * * * * * *

Cada letra, com certeza,
Prima dá;
Em segunda, sua alteza,
Creio está.

Quer, rio, terceira ser;
E p'los modos,
Quarta em telhado ha de ver,
—Não em todos.—

Quinta, Deus meu! que belleza!
 Não se atreva!
 Que ella, a sexta, com certeza,
 Creia, o leva.

Peixe, em setima, acredite,
 Talvez veja;
 E na oitava, bem medite,
 'Stá na Igreja.
 Em v'gal, eu fecho já
 A charada,
 Crente que ella não será
 Decifrada.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS ELECTRICAS: —Edade—A T A r—Ama.
 DA CHARADA-MAPPA:—

To	ga
ga	bo

A RIR

No cemiterio:

—Olá, vieste ao enterro do teu medico!... São raros, os doctes reconhecidos!
 —Effectivamente, sou-lhe grato, porque nunca esperei, com fesso-te, que fosse eu quem o enterrasse...

Na Avenida:

—Vés aquelle sugeito gordo que ali vaê?
 —V'jo.
 —Pois fica sabendo que tem enxugado muitas lag imas.
 —E' então um phylantropo?
 —Não; é um fabricante de lenços.

BANDARRA E AS SUAS PROPHECIAS

Entre velhos livros, de ha muito esquecidos e abandonados, depararam-se-me ha dias umas *Trovas* de Bandarra, edição de 1822, exactamente aquella de que Innocencio da Silva diz, no seu *Diccionario*, nunca ter podido ver nenhum exemplar.

O titulo d'esta edição é o seguinte:

«*Trovas propheticas de Bandarra, acompanhadas de alguns commentos, e precedidas de um preambulo em que se dá noticia da vida, e com autoridades se prova a existencia do auctor; ajunctando se-lhe varias reflexões para se mostrar a causa de se esquecerem, e os tempos em que são lembrados os escriptos que predizem os successos futuros.*—Quarta edição correcta—Lisboa, 1822. Na officina de Desiderio Marques Leão.»

Este achado bibliographico suggeriu-me a ideia do presente artigo ácerca do popular escriptor, que é para nós o mesmo que Nostradamus é para a França, isto é, a individualidade que em si resume toda a credulidade do povo da sua época.

Gonçalo Annes Bandarra viveu no seculo XVI, e exerceu na villa de Trancoso o officio de sapateiro. Nenhum documento se conhece que indique ao certo o anno do seu nascimento, nem tão pouco o da sua morte; porém a sua existencia, que muitos pozeram em duvida, e outros negaram redondamente, chegando a afirmar que Bandarra não passava de um mytho de pura invenção jesuitica, ficou plenamente confirmada, depois que se descobriu o processo contra elle instaurado pelo Santo Officio, e que existe na Torre do Tombo, onde foi archivado em 1821, em seguida á extincção do ominoso tribunal.

O descobrimento d'esse processo veio esclarecer muitos pontos duvidosos, revelar muitas circumstancias ignoradas da biographia de Bandarra. D'elle consta que o popular trovista fôra rico e abastado, mas, caindo em pobreza, viu-se forçado a abraçar o officio de sapateiro.

O sr. Theophilo Braga suppõe-o descendente de um Bandarra, de quem se faz menção na *Chronica*, de Azurara, e que foi um dos capitães que tomaram parte nas conquistas de Africa.

Mas, se se pôde provar, de um modo incontestavel, a existencia pessoal do auctor das *Trovas propheticas*, não será igualmente facil, sobretudo n'este seculo de geral incredulidade, demonstrar que elle fosse assistido d'essa inspiração divina, d'esse sublime dom da presciencia que em todos os tempos se tem pretendido attribuir-lhe.

Escreveu Voltaire, com aquella sencereza de que costumava usar, que o primeiro propheta fôra o primeiro velhaco que deparara com um imbecil. Não sabemos bem se o epitheto de velhaco se pôde com justiça applicar ao nosso Bandarra; velhacos refinadissimos, porém, eram de certo os que das suas trovas se serviram arguciosamente para fins politicos, torcendo-lhes o sentido, commentando-as a seu bel-prazer, e intercalando n'ellas composições apocripas, escriptas *ad hoc* para determinados fins.

E foi isto o que fizeram os jesuitas, creaturas pouco escrupulosas, afeitas a todo o genero de embustes, e que em todos os tempos tiveram sempre por divisa aquella *honestissimo* principio de que os fins justificam os meios.

Estavam então em voga as prophcias, que exerciam sobre a credula imaginação do povo uma enorme fascinação.

Em França, Miguel de Nostradamus, depois de ter adquirido, como medico, uma grande fama, pela sua sciencia e dedicação, abandonava o exercicio da medicina e arvorava-se em propheta, publicando, em 1555, um livro de prophcias, escriptas n'um estylo obscuro e enigmatico, e nas quaes, com algum esforço de imaginação, se pôde encontrar vaticinado tudo o que se pretenda.

Esta singular obra valeu-lhe uma grande nomeada e os maiores favores da côrte.

Em Portugal as prophcias de Bandarra eram tambem acolhidas com grande interesse, e foi isto, certamente, o que suggeriu aos jesuitas, promptos sempre a lançarem mão de todos os expedientes que aos seus designios julgassem proveitosos—a ideia de aproveitarem essas trovas—«para com ellas lisonjear a côrte e adquirirem séquito n'ella e no reino», como se diz no edital da Mesa Censoria de 10 de junho de 1786. (*)

Tratava-se de fazer crer ao povo que estes acontecimentos haviam sido obra divina, e não uma consequencia das leis fataes que presidem á evolução politica e social das nações. Mas as trovas de Bandarra, apesar da elasticidade de hermenutica dos seus interpretes, não se prestavam inteiramente á desejada fraude; e n'estas circumstancias, o P. Antonio Vieira e seus companheiros, deitaram-se a prophetisar, sob a responsabilidade de Bandarra... acontecimentos já realizados!

Escusado será dizer que das prophcias assim feitas, não havia uma só que falhasse.

Um filho de Miguel de Nostradamus, que herdara de seu pae a bossa prophetica, mas que fôra quasi sempre mal succedido nas suas predicções, vaticinou de uma vez que certa cidade franceza, cercada pelas tropas realistas, seria destruida pelas chammas. A predicção, porém, não se realisava, e o pobre propheta, querendo justificar-se a todo o transe, affirm de lhe não irem por agua abaixo os creditos, ao que parece já bastante abalados por varias decepções identicas, encarregou se elle proprio de realizar o seu vaticinio, pondo fogo á cidade em questão. Teve, porém, a infelicidade de ser surprehendido em flagrante, e immediatamente morto, cousa com que de certo não contava, apesar de todo o seu espirito prophetico.

Os jesuitas, porém, livravam-se commodamente de taes embaraços, pois que, como dissemos, só se abalançavam a *prophetisar* acontecimentos que já haviam tido logar.

Não admira, pois, que as trovas referentes á acclamação de D. João IV, indiquem este factio tão minuciosamente, e em termos tão claros e precisos, que nem lhes falta, sequer, designarem o anno em que teve logar:

«Já se cerram os quarenta
 Que se ementa.
 Per um doutor já passado
 O rei novo é alevantado...»

Effectivamente, como todos sabem, foi ao cerrar-se o anno de 1640 (no dia 1.º de Dezembro) que teve logar a gloriosa restauração, anno que se declara por abreviatura—*que se ementa*.

N'outras estrophes diz:

«O rei novo é escolhido
 E elegido...»

 «Saia, saia esse infante
 Bem andante.»
 O seu nome é D. João.

 «Este rei tem um irmão
 Bom Capitão.»

De facto, o rei novo não subiu ao throno por direito hereditario, mas sim por escolha da nação. O nome d'esse rei foi D. João

(*) Vide Dicc. Popular, vol. III; pag. 63.



O PALACIO DO ELYSEU DE PARIS

que, por ser duque de Bragança, e bisneto do infante D. Duarte, nono filho d'El-rei D. Manuel, tinha o tratamento de *infante*. Têve também um irmão *à m. capião*, que foi D. Duarte, morto no Castello de M.ão em 3 de setembro de 1619.

Para os sebastianistas, a vinda d'El rei D. Sebastião era prognosticada n'esta estrophe:

«Angurae, gentes vindouras,
«Que o rei que d'aqui ha-de ir,
«Vos ha de tornar a vir
«Passados trinta tisouras.

Mas, depois de El rei D. Sebastião, sabiu do reino D. Miguel, em 1834, em seguida à Convenção de Evora Monte. Era, portanto, natural que alguns dos partidarios mais credulos d'este principe a elle applicassem a propheta; e de facto assim succedeu, até que a morte lhes veio roubar as ultimas esperanças na augurada volta do monarcha a quem tinham jurado fidelidade.

Poderiamos multiplicar os exemplos a que os commentadores das *Trovas* se tem soccorrido para demonstrar que Bandarra possuiu effectivamente o dom da propheta, mas que a nós só nos serviriam para provar o que os modernos criticos sustentam, isto é, que se attribuem a Bandarra muitas trovas que o pobre sapateiro de Trancoso nunca se lembrou de compôr.

Segundo uma noticia inserta no preambulo da edição a que nos referimos, D. Alvaro de Abranches da Camara, que foi um dos mais illustres fidalgos do seu tempo, e um dos que mais trabalharam para a gloriosa restauração de Portugal, mandou erigir, na egreja de S. Pedro da villa de Trancoso, um mausoléu para o qual fez trasladar os ossos de Bandarra, tendo esse mausoléu insculpada na lápide a ferramenta do officio de sapateiro.

Tão grande honra foi prophetizada por Bandarra, segundo os seus commentadores, nas seguintes trovas:

«Vejo, mas não sei se vejo,
O certo é que me cheira
Que me vem honrar a Beira
Um grande do pé do Tejo.

Fôrmas, cabos e sovellas,
Lavradinhas com primôr,
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vê-l-as.»

D'aqui pôdem também concluir os espiritos menos credulos que ou D. Alvaro de Abranches, conhecedor da propheta, se encarregou de cumpril-a, afim de justificar Bandarra, ou que, entendendo dever honrar d'esta fórma o popular trovista, encarregou algum verzejador engenhoso de vaticinar o facto nas duas quadras que transcrevemos, e que teriam sido incluídas na collecção das *Trovas*.

As accusações feitas a Bandarra, e que serviram de base ao processo que o Santo Officio lhe instaurou em 1541, consistiam em elle ter relações com os christãos-novos, interpretar os logares da Biblia a favor d'elles, e perturbar com as suas trovas o socego publico.

O réu defendeu se, como ponde, n'um longo arrazoado, e conseguiu ser posto em liberdade, intimando o a sentença lavrada no processo «a que se não entremetta mais a responder nem escrever em nenhuma cousa da sagrada escriptura, nem tenha nenhuns livros d'essa mesma, e fazendo o contrario será castigado como o caso merecer, e se publicará que qualquer pessoa que tenha as ditas trovas as apresente á Santa Inquisição dentro de tres dias, etc.»

Nota Innocencio da Silva que Bandarra não cumpriu muito escrupulosamente as clausulas da sentença, visto que as quintilhas que servem de dedicatoria ás suas trovas, por elle dirigidas a D. João de Portugal, bispo da Guarda, só pôdem ter sido escriptas depois do anno de 1556, e portanto passados mais de 15 annos depois da sua sahida dos carceres do Santo Officio.

Effectivamente D. João de Portugal só em 1557 tomou posse da cadeira episcopal, em que fôra provido no anno anterior. Isto serve também para demonstrar que Bandarra não morreu em 1550, como affirmam alguns dos seus biographos, mas sim posteriormente ao anno de 1556.

Tambem não é certo que Bandarra não soubesse ler nem escrever. Os que tal affirmam, foram; porventura, levados a esta supposição pela estrophe em que Bandarra diz:

«Eu componho, mas não ponho
«As letrinhas no papel,
«Que o devoto Gabriel
«Vae riscando quanto eu sonho.»

Mas, do facto de Bandarra ter por secretario o devoto Gabriel não se deve inferir que elle não soubesse ler nem escrever, e tanto assim que, no arrazoado a que acima nos referimos, declara elle «que lêra muitas vezes por uma *bruvia* em vulgar» declaração que assigna do seu proprio punho, podendo vêr se o *fac simile* da assignatura n'um curioso artigo publicado a pag. 339 do 2.º volume do jornal litterario, *A Semana*.

Provado, pois, que Bandarra não era um analfabeto, e que além d'isso, antes de exercer o officio de sapateiro, possuira bens de fortuna, o que lhe teria permittido adquirir uma tal ou qual instrucção, não deve causar admiração que elle conhecesse tanto os livros sagrados, e que a sua metrificacão fosse quasi sempre correcta. Esta ultima prenda, é elle proprio que se encarrega de a gabar, dizendo nos, como homem que não estava disposto a deixar o seu credito por mãos alheias:

«Faço trovas muito inteiras
«Versos muito bem medidos,
«Que hão de vir a ser cumpridos
«Lá nas eras derradeiras.»

Quanto á affirmativa contida nos dois primeiros versos nada ha que objectar; não assim, porém, em relação aos dois ultimos. Todavia, Bandarra até mesmo em nossos dias encontrou quem n'elle depositasse, ou fingisse depositar inteiro credito, e se occupasse em adaptar as prophetas a factos de recente data. Ainda em 1852—refere também Innocencio—foi publicada no Porto uma *Explicação do 3.º corpo da propheta de Bandarra, começadas a verificar no reinado do sr. D. João VI e acabadas no reinado do sr. D. Pedro IV*

E' que em todas as épocas houve quem acreditasse piamente na possibilidade dos conhecimentos humanos irem além dos limites do que nos é dado aprender. A esses que taes, chamava o padre José Agostinho de Macedo, nas verrinas descompostas com que houve por bem zurzir os sebastianistas do seu tempo—tolos rematados.

E devemos confessar que o padre tinha razão!

MAGALHÃES FONSECA.

A theoria do divorcio na pratica

(René de Maizeroy)

.....
Maria Anna, ex-condessa de Baudémont, contraiu segundas nupcias.

A solidão do lar domestico entristecia a. Os dias pezavam-lhe.

Alem de que, a mulher carece do braço do homem para frequentar a sociedade, para ir ás corridas, ás *premières*.

Este fim de seculo, que parece uma esponja velha embebida de vicios e do sangue das Glorias mortas, tem ainda preconceitos monstruosamente absurdos e difficilimos de vencer.

E enquanto a ex condessa assumia o titulo de marquezia, e rodeada de um grupo de intimos pronunciava o seu segundo *sim* na mairie, discutida pelas más linguas da visinhança, que ria á custa d'este brusco reviramento, affirmavam isto e aquillo, com razão ou sem ella, comparavam o novo marido ao antigo, chegando mesmo ao excesso de asseverarem que elle não fora estranho ao divorcio; enquanto todas estas cousas succediam, o conde de Baudémont divagava pelos quatro cantos do mundo, tentando adormecer a nostalgia que o devorava e curar-se do mal de amor que se infiltrara na sua carne e no seu coração, como um veneno lento.

O conde percorreu os paizes mais remotos mais formosos, mais suggestivos.

Passou mezes consecutivos entre o ceo e a agua.

Entregou-se aos deboches mais complicados e mais allucinantés. Mas nem os corpos flexiveis e lascivos das baiadeiras, nem os grandes olhos pensativos das creoulas, nem as flirtages das misses de cabellos loiros como a *c'dra* normanda, nem as noutes do sonho, em que apparecem no céu novas constellações, nem os perigos em que julgamos que tudo findou, em que balbuciamos, a despeito nosso, algumas palavras de oração, no meio das ondas muito altas e do céu muito negro, nem os encantos do Ignoto, nem os perfumes que embriagam e as ternuras que endoidam, conseguiram arrancar-lhe do coração a imagem d'essa pequenina parisiense, que cheirava tão bem que dir se-hia ser um bouquet de flores estranhas, que era tão gentil, tão curiosa, tão delicada, que nunca tivera o mesmo capricho, o mesmo sorriso, o mesmo olhar, e que afinal valia mais do que as outras, do que as santas e as impeccaveis.

O conde evocava-a sem cessar, em longas insomnias. Trazia o seu retrato na algibeira, um retrato adoravel em que ella ria com os seus dentinhos brancos, apparecendo nos labios entreabertos, em que os seus olhos, deliciosamente suaves e magnetisadores tinham um bom olhar radioso e franco, em que pelo reflexo dos seus cabellos se via logo que ella era loira entre as loiras.

Levava horas a contemplar o retrato da sua Maria Anna, beijava a a ponto de apagar o brilho da photographia, em segui-

da deitava-se na tolda, soluçando como uma criança, fitando o hori-onte, revendo na amplitude monotonica e esverdeada do mar a felicidade perdida, o jubilo das caricias extinctas, as divinas lembranças e as eternas saudades do seu amor.

E teimava em accusar se, em não lhe querer mal a ella, em attribuir-se suppostas culpas, em adoral-a sempre e a despeito de tudo.

Dilacerado, soffrendo, esperando sem saber o que, navegou ao longo dos oceanos, affrontando toda a especie de perigos, procurando a morte, como se procura uma amiga; a morte, porém, passou pelo seu caminho sem lhe tocar, divertindo se talvez com a sua miseria e com a sua dôr.....

O conde era tão desgraçado como um calceteiro, um d'esses pobres diabos que trabalham todo o dia, vergastados por um sol implacavel ou por uma chuva gelada, curvados sobre os duros silex.

Maria Anna tambem não era feliz; lamentava o passado que fugira, lembrava-se das ternuras que perdera.

Não podendo resistir por mais tempo, o conde regressou a França, mudado, queimado, transformado como que pela acção de um philtro magico.

Ninguem reconhecera o elegante e afeminado *c'ubman* de outr'ora, n'essa especie de corsario de hombros largos, de pelle acobreada, de beiços encarnados, de andar balanceado, parecendo cingir na casaca preta, irreprehensivelmente correctã, a figura de um gentil homem do seculo passado, de um fidalgo que em seguida à ruina houvesse armado um brigue em pé de guerra para correr sobre os inglezes, de Saint Malo a Calcutta.

Em toda a parte onde o conde apparecia, ouvia-se logo:

—E' possivel pois és tu? Pareces inteiramente outro!

O conde dispunha-se a fugir de Paris e telegraphara para o Havre, ordenando que tornassem a armar o steam yacht, quando soube um dia, á queima roupa, que Maria Anna casara pela segunda vez. Em seguida, viu-a de longe, uma terça feira, nos Francezes, tão bonita, tão loira, tão desejavel—e tão melancolica, offerecendo o aspecto de uma pobre alma que tem saudades de uma ventura perdida. Esse encontro quebrou-lhe as forças, obrigou-o a adiar a partida de semana em semana, alimentando uma vaga esperanza que não saberia definir.

Pouco a pouco, habitou-se a segui-la, a espial-a, mais apaixonado do que nunca; por ultimo, resolveu-se a escrever-lhe uma serie de cartas interminaveis, de uma eloquencia doida, em que o seu amor irrompia como uma torrente de lavas.

Disfarçava a letra, receioso dos caprichos da estouvada cabeceira, das phantasias que a agitavam. Mandava-lhe as flores de que ella gostava. Dizia-lhe que ella era a sua vida, que morria a esperal-a, a desejal-a, a idolatral-a.

Maria Anna, muito intrigada, surprehendida, adivinhando talvez pelas instinctivas pulsações do seu coração, pela progressiva commoção da sua alma, que d'esta vez era elle, o homem que torturara com despietosa crueldade, despedaçando todos os seus sonhos, sentindo que poderia reparar as consequencias do mal que fizera e resuscitar o seu amor, respondeu-lhe, concedendo-lhe a entrevista solicitada.

E caiu nos seus braços, chorando ambos de alegria e de extasis, beijando-se, como só se beijam os ausentes que se reúnem e se reconquistam, sedentos um do outro, famintos de ternuras, de adorações e de gosos.

O conde de Baudémont acaba de raptar Maria Anna, tranquillamente, friamente, como quem ao regressar de uma viagem, rehavé a posse da sua casa, expulsando d'ella os intrusos.

Quando annunciaram esse imprevisto escandalo ao advogado Garrulier, este esfregou as mãos—as suas mãos compridas e finas de prelado sensual—e exclamou:

—E' perfeitamente logico e eu quereria estar no lugar do conde!

GUIOMAR TORREZÃO.

O ROMANCE DE LAURA

Todas as raparigas bonitas tem o seu romance. As alphas e as letradas, todas soletram esse abecedario feito de lyrios e de laranjeira, que abre as *Mil e uma noites* do amor.

Ha uma palheta d'ouro, da qual saem as tintas mysteriosas com que a juventude pinta os seus quadros sentimentaes, vagos, indefinidos, o turbilhão da alma, os gritos do orgulho, a altivez, a gloria, os sonhos e o amor.

O homem do campo pede emprestado ás florestas que o rodeiam, ás ravinas que expluem, aos murmurios do ar, ao canto das aves, ao penetrante perfume da natureza, a linguagem poetica e figurada em que expande a grandeza da sua alma affeita á vastidão infinita.

O homem da cidade, abre a alma e a intelligencia ás incomensuraveis planicies da arte, e pede aos museus, ás academias, ás orches ras, aos bazares, ao *brouhaha* das praças e das ruas, ao rumor confuso do formigueiro humano, a arte das comparações e das imagens, a sua expressão polida, viva e apaixonada, cheia de luz, de espirito, de imprevisto, e talha o seu romance, não o romance do camponio, impregnado da placidez granitica e da simplicidade grandiosa da paisagem; mas o *bibelot* do coração, feito da espuma de rendas e da espuma de sonhos artisticos.

Ora a Laura pertencia á classe dos que amam no campo. A sua casinha branca como uma luva de noiva, parecia pregada com um alfinete no alto de uma montanha, e resguardada por centenas d'arvores gigantestas e amigas, que a tinham visto nascer e que ella adorava; cujo rumor uniforme e melancolico lhe embalara o somno desde o berço até aos vinte annos.

Vivia com os paes que a tinham por filha unica. Prendada mas pobrissima filha de caseiros, sabia bem que não occupava no mundo mais do que o espaço insignificante da sua pessoa, do mesmo modo que um navio só occupa no mar, o espaço correspondente ao seu deslocamento.

Não podia pois haver orgulho na sua alma de pomba silvestre, e o seu olhar puro estendia-se sem inveja como um sorriso d'anjo por toda a terra.

Um dia, o joven filho do visconde X, o proprietario das terras de que o pae d'ella era caseiro, doente e fraco, com um esfalamento produzido por estroinices a que a sua pouca idade de dezoito annos e o seu organismo debil não poderam resistir, foi mandado por conselho dos medicos e pela severidade paterna, residir algum tempo, afastado do bulicio de Lisboa, no pequeno *cottage* que o visconde possuia no campo e que estava sob a guarda do pae de Laura.

Carlos, era o nome do fidalguinho. Não tinha mãe, e o seu papá não podia, nem mesmo que podesse, estava resolvido a acompanhal-o, para não abandonar as altas questões politicas em que andava envolvido.

O Carlos foi só com um creado, mas a familia do caseiro recebeu-o de braços abertos como um filho. O Carlos ia de mau humor, julgando se condemnado a passar alguns mezes detestaveis; ficou porém, docemente impressionado com a gentileza, a finura, o grande ar da Laura, e principiou a seguir á risca os preceitos do medico e os conselhos d'elle.

Dava passeios soberbos pela manhã cedo, apoiado no braço da rapariga, e iam ambos para debaixo de uma latada apanhar uvas e comel-as; o que, dizia a Laura, era muito recommendado para o peito. Depois, iam á arribana onde a rapariga ordenhava as vaccas.

Pelo dia adiante, o Carlos não se tirava de junto d'ella em casa, e á noite era ainda ella que o entretinha ao serão, conversando largamente de trinta mil cousas futeis, encantando-o com a sua voz de ouro, animando-o com as suas gargalhadas frescas e joviaes, fascinando-o com a sua belleza deslumbrante.

O pobre Carlos não podia deixar de amal-a; á maneira que lhe voltavam as forças, tornava se mais imperiosa a sua paixão. Por um sentimento de delicadeza, conhecendo as difficuldades que os distanciavam, o Carlos não se atrevera a revelar o seu amor; um acontecimento inesperado veio, porém, evidenciar-o.

Quando partira, tinha dito a alguns amigos para o irem visitar, suppondo que passaria uns mezes aborrecidos no campo; mas os amigos calculando que elle não aturaria muito tempo a vida nova, não se deram pressa em incommodar-se, esperando sempre vel-o apparecer; mas por fim, admirados da demora e temendo que o Carlos lhes conhecesse a hypocrisia, o que não lhes convinha por elle ser rico e generoso, foram emfim vital-o.

Não se descreve o espanto dos amigos, encontrando em pleno idyllio o Carlos, e o desgosto d'este, vendo perturbada a sua solidão por aquelles iconoclastas do ideal. Foi uma balburdia que se estabeleceu em casa. Turbulentos e conquistadores de deidades facéis, principiam a tomar familiaridades com a Laura, e quanto mais repellidos, mais audazes. O Carlos estava sempre n'um supplicio, aggravado pelas troças que lhe faziam por elle ter tomado a rapariga a serio, como elles diziam.

E um bello dia, para darem uma lição ao Carlos, agarraram-na diante d'elle e beijaram-na com frenesi.

Toda a gratidão e todo o amor que existia no fundo do coração do Carlos, que se achava purificado de corpo e alma pela convivencia da innocente rapariga, se revoltou ao presenciar tal desacato, e erguendo-se com um gesto cortante e uma altivez desusada, bradou, apontando-lhes para a porta da rua:

—Fóra, villões!

E como os amigos ficassem paralyzados d'a'sombro, accrescentou dando um passo para elles:

—Saíam immediatamente, quando não, mando-os pôr na estrada, a pontapé!

Os rapazes lividos de colera, responderam:

—Quando estiver de todo restabelecido, senhor, esperamol-o em Lisboa.

—Estarei ás suas ordens, disse o Carlos, e dando o braço a Laura, voltou lhes as costas e desapareceu por uma porta.

Esta aventura obrigou o Carlos a declarar-se, e pela primeira vez na sua vida, saiu-lhe immaculada dos labios esta phrase:

—Amo tel amo tel!

E jurou lhe que casaria com ella, apenas fosse senhor das suas acções.

Os amigos de volta a Lisboa, contaram com grandes gargalhadas ao visconde estupefacto, o caso da leiteira, como elles chamavam á Laura, por a terem visto ordenhar as vaccas.

O visconde, astuto e conhecedor do mundo, destinava o filho para uma alliança favoravel ao seu jogo politico; teve portanto um secreto receio, e enviou o seu medico ao Carlos para ver se elle poderia aturar uma viagem, e como o medico affirmasse o seu completo restabelecimento, enviou-o para a Suissa.

No intervallo, despediu o caseiro e perseguiu-o, a ponto do homem se ver na necessidade de embarcar para o Brazil. Ao mesmo tempo, offerencia secretamente dotes consideraveis a quem quizesse desposar a Laura; mas a rapariga todos desprezou, com grande maravilha do pae que, não estando apaixonado como ella, não tinha a sua perspicacia para perceber as manobras do visconde.

Depois da rapariga embarcar para a America, o visconde fez regressar da Suissa o Carlos. O pobre rapaz ficou aniquilado devé-



O MARECHAL LE BOEUF

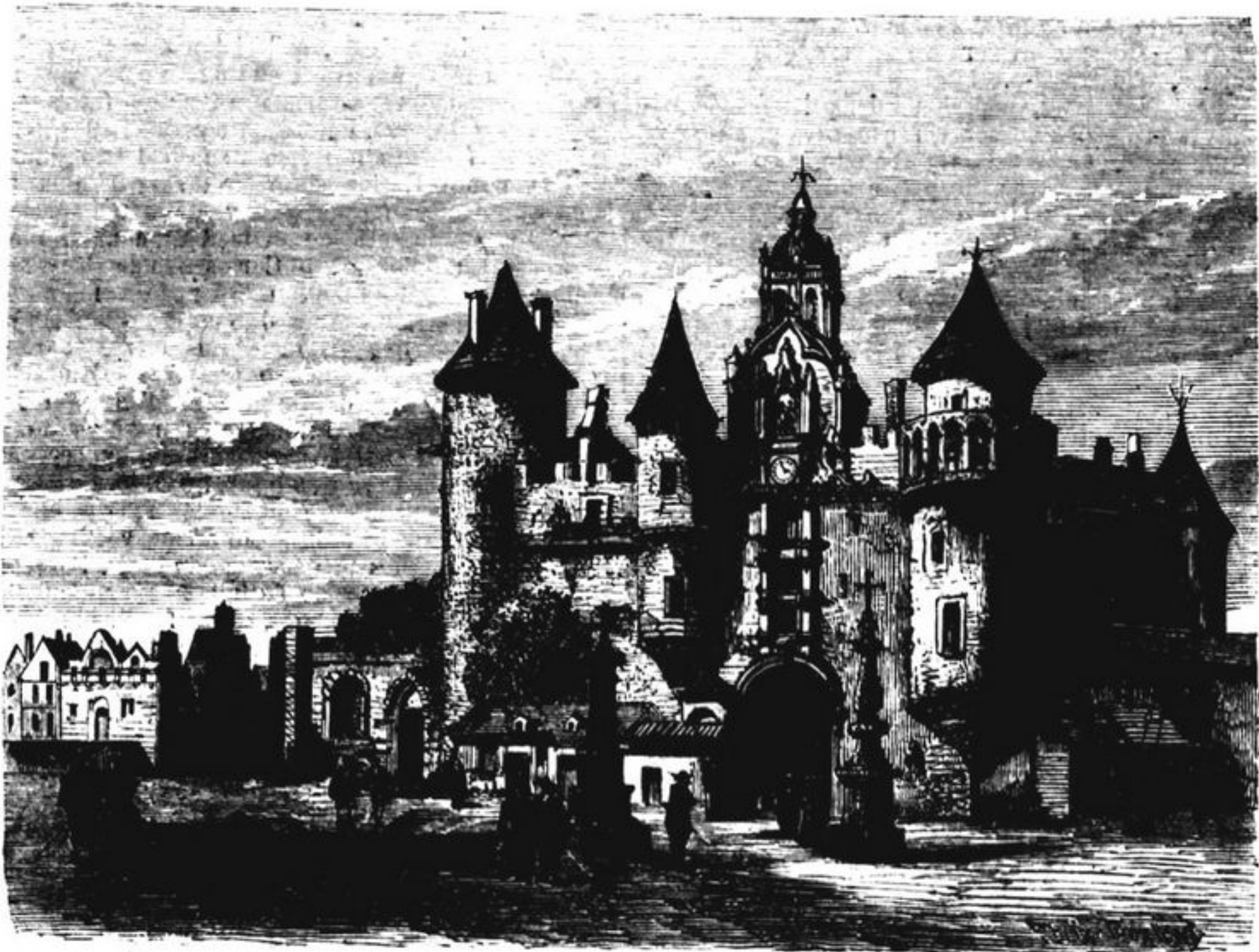
ras quando não encontron a Laura e lhe narraram o que se tinha passado. A singular predisposição que tinha para a tísica, desenvolveu-se então; e o pae, pensando que o campó o salvaria pela segunda vez, mandou o para a granja, mas ali, a recordação palpitante da Laura não fez mais do que exacerbar o mal, e o infeliz soltou o ultimo suspiro chamando em vão por ella.

Um mez depois d'elle desapareceu sob a terra do pequenino cemiterio da aldeia, como exigiu á hora da morte, entre soluços ao pae arrependido, desembarcou em Lisboa a Laura. Tinha-lhe saído a sorte grande na loteria do imperio; e rica, vinha disposta a lutar corajosamente ao lado do Carlos, contra o visconde.

Mas só encontrou um sepulchro.

A dôr intensa da pobre rapariga, não se descreve. Mandou fazer um bello mausoleo, onde durante muitos annos foi diariamente chorar e collocar flôres, até que uma anemia profunda a levou para junto do Carlos, a fazer-lhe companhia eterna.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



O GRANDE CHATELET